



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

GEOVANNA CORRÊA REIS

**UMA ANÁLISE DA VINCULAÇÃO LIBIDINAL DA ADOÇÃO PRESENTE NA
OBRA *O FILHO DE MIL HOMENS* DE VALTER HUGO MÃE À LUZ DA
PSICANÁLISE LAPLANCHEANA**

**Miracema do Tocantins, TO
2021**

Geovanna Corrêa Reis

Uma análise da vinculação libidinal da adoção presente na obra *O Filho de Mil Homens* de Valter Hugo Mãe à luz da psicanálise laplancheana

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de bacharel em Psicologia.
Orientador(a): Profa. Dra. Sarug Dagir Ribeiro.

Miracema do Tocantins, TO

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- R375a Reis, Geovanna Corrêa.
Uma análise da vinculação libidinal da adoção presente na obra O Filho de Mil Homens de Valter Hugo Mãe à luz da psicanálise laplancheana. / Geovanna Corrêa Reis. – Miracema, TO, 2021.
42 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2021.
Orientadora : Sarug Dagir Ribeiro

1. Adoção. 2. Psicanálise. 3. Sedução generalizada. 4. Literatura.
I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GEOVANNA CORRÊA REIS

UMA ANÁLISE DA VINCULAÇÃO LIBIDINAL DA ADOÇÃO PRESENTE NA OBRA
O FILHO DE MIL HOMENS DE VALTER HUGO MÃE À LUZ DA PSICANÁLISE
LAPLANCHEANA

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Psicologia, foi avaliado para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 10/12/2022

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Sarug Dagir Ribeiro - Orientadora - UFT

Prof. Dr. Ricardo Monteiro Guedes de Almeida - Examinador - UFT

Prof. Mestre Jhonatan Jeison Miranda - Examinador - UFMG

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso contei com o apoio de algumas pessoas, às quais gostaria de agradecer a seguir.

Primeiramente aos meus pais, Zuleide e Marconikson, por terem me apoiado no decorrer da minha graduação em psicologia, possibilitando que eu chegasse a este momento de conclusão de curso, contribuindo ainda com materiais bibliográficos para a realização do TCC.

A minha irmã Gabriela, por sempre apoiar os meus projetos e por ter sido uma das primeiras pessoas a acreditar no potencial da minha pesquisa.

A minha prima Julia, por ter se aproximado da minha pesquisa e me apoiado constantemente, sendo ombro amigo sempre que necessário.

Às minhas amigas e colegas de curso, em especial a Gleicy, Hellen Cristina, Larissa, Victória, Ellen Sara e Jady, por me apoiarem e me incentivarem a continuar, por me darem suporte quando preciso e pelas trocas e experiências que sempre me rendem inúmeros aprendizados.

Aos meus professores, pelos ensinamentos, por contribuírem em minha formação profissional e por terem me apresentado a psicanálise.

A minha orientadora, Sarug Dagir, que mesmo não me conhecendo anteriormente me recebeu de braços abertos e acreditou na minha pesquisa, dando-me o apoio e a orientação necessários para que eu conseguisse unir psicanálise e literatura ficcional, agradeço-a também por ter me apresentando a psicanálise laplancheana. Ainda por incentivar minhas interpretações.

Ao meu percurso analítico, por despertar em mim a importância do meu desejo e potência do meu querer, sem ele eu mesma não teria levado minha curiosidade adiante e este trabalho só pôde ser realizado acreditando no que me faz brilhar os olhos.

Ao autor Valter Hugo Mãe, por ter uma escrita tão sensível e envolvente.

“A verdade é alcançada por saltos imaginativos. Isto aplica-se tanto à ciência como à filosofia.”
(SIMON, LEYS, The hall of uselessness: collected essays).

RESUMO

Utilizaremos a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche para analisar a adoção desenrolada na obra literária de Valter Hugo Mãe, *O Filho de Mil Homens* (2016). O romance tem como personagem principal Crisóstomo, um pescador que ao chegar aos 40 anos de idade assumiu a tristeza de não ter ainda um filho. Um dia ao sair para trabalhar, encontra e adota Camilo, um garoto de 14 anos de idade, consolidando sua família e realizando-se nessa adoção. O trabalho demorar-se-á no processo de filiação ocorrido entre ambos, tanto quanto na autorização parental e gestação psíquica, importantes conceitos para se entender a vinculação libidinal na clínica da adoção. E tem como objetivo geral interpelar por meio da psicanálise laplancheana a vinculação libidinal mútua entre os personagens Crisóstomo e Camilo, pai e filho, articulando psicanálise e literatura.

Palavras-Chave: Adoção. Psicanálise. Sedução Generalizada. Literatura. Vinculação Libidinal.

ABSTRACT

This essay will use Jean Laplanche's theory of generalized seduction to analyze the adoption portrayed in the book written by Valter Hugo Mãe, *O Filho de Mil Homens* (2016). The novel's main character is a fisherman called Crisóstomo that, after reaching the age of 40 years old, was stricken with sadness for not having a son still. Ultimately, on his way to work, he meets and then adopts Camilo, a 14-year-old boy, finally securing a family of his own and reaching the feeling of fulfillment with the decision. This work will center itself on the adoption process that took place between them, as well as the parental authorization and psychic pregnancy, valid concepts to understand the libidinal link formed in the clinical approach of adoption. The goal of the project is to apply Laplanchean's psychoanalysis thesis to understand the mutual libidinal link established between the characters Crisóstomo and Camilo, father and son, by correlating psychoanalysis with literature.

Keywords: Adoption. Psychoanalysis. Generalized Seduction. Literature. Libidinal Linkage.

SUMÁRIO

| | | |
|---|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 08 |
| 2 | PSICANÁLISE E A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM NA LITERATURA..... | 14 |
| 3 | AUTORIZAÇÃO PARENTAL E VINCULAÇÃO LIBIDINAL NA OBRA <i>O FILHO DE MIL HOMENS</i> DE VALTER HUGO MÃE..... | 21 |
| 4 | A IMPORTÂNCIA DO ENIGMA PARA A GESTAÇÃO PSÍQUICA E PARA A CONSTITUIÇÃO DA PARENTALIDADE..... | 29 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| | REFERÊNCIAS..... | 40 |

01 INTRODUÇÃO

A adoção tem tomado destaque na atualidade, por ser vista como um método contemporâneo para dar aos casais ou a pessoas solteiras, que desejam exercer a parentalidade, a oportunidade de terem filhos, seja porque não podem conceber um filho biológico, por motivos altruístas, por tratarem-se de um casal homoparental, seja por outros motivos diversos (JUNQUEIRA, 2014). A adoção não se constitui de um processo simples, pois seu início quase sempre é marcado por perdas que geram dores, separações, tristeza e frustrações, sentimentos que precisam ser elaborados para que a vida conceba novos sentidos e possibilite o encontro pais-filhos (SILVA, 2018). Representa, ainda,

uma forma de parentalidade que atende às necessidades essenciais da criança de ser criada dentro de um âmbito familiar e às necessidades ou desejo de pais que se dispõem a exercer a função parental com uma criança que não pôde permanecer com seus genitores (LEVINZON, 2018, p. 52).

Antes de executar este método, no Brasil, é necessário que os pretendentes à adoção passem por um processo judicial e acompanhamento psicológico para que se possa “verificar se os pretendentes estão preparados para a adoção e, inclusive, se a adoção é a melhor solução para o que eles estão procurando” (LEVINZON, 2020, p. 45). Mesmo tida como uma técnica atual existe há tempos e pode-se encontrar exemplos dela em literaturas mais antigas, como na Bíblia, no caso de Moisés (BÍBLIA SAGRADA, 2000), quando o mesmo é encontrado num cesto à deriva pela filha do faraó que percebe tratar-se de um bebê hebreu e encontra alguém que possa levá-lo e amamentá-lo, para que depois ela consolide a adoção. Na mitologia grega também encontram-se casos de adoção, no mito de Édipo, por exemplo, que é encontrado e adotado pelo rei de Corinto Pólibo após ser abandonado por seu pai biológico (BRANDÃO, 1987).

Trata-se de um tema atemporal, que aparece de diversas formas, seja na literatura antiga, citada anteriormente, e atual, aparece também no cinema, como no filme *Lion - Uma Jornada para Casa* (2016) ou na série *O Gambito da Rainha* (2020) e sobretudo no campo judicial brasileiro, com a Nova Lei da Adoção nº 12.010 de 2009 (BRASIL, 2009), temos exemplos presentes na literatura contemporânea, como no romance de Valter Hugo Mãe, *O Filho de Mil Homens* (2016), livro lançado a princípio no ano de 2011 em Portugal, que traz vinte contos que se entrelaçam numa mesma

história, dando forma ao romance. A história principal gira em torno do personagem Crisóstomo, um pescador de 40 anos que sonha em ter um filho, adotando o personagem Camilo logo no primeiro capítulo. O autor do romance, Valter Hugo Mãe, é um reconhecido escritor português nascido em uma cidade angolana, formado em direito e pós-graduado em literatura moderna e contemporânea, a quem foi atribuído o prêmio literário José Saramago em 2007.

São várias as questões que perpassam a temática da adoção e são abordadas na literatura de Mãe, uma delas é relacionada ao processo de filiação. Neste trabalho nos debruçamos sobre a adoção presente no romance *O Filho de Mil Homens* de Valter Hugo Mãe (2016), articulando psicanálise e literatura, para abordar a temática do processo de filiação dentro da adoção. O nosso problema de pesquisa será norteado por três questões, são elas: de que modo podemos articular psicanálise e literatura? Seguida de: como a autorização para exercer a parentalidade dos adotantes aparece no romance *O Filho de Mil Homens* de Valter Hugo Mãe (2016) e como pode ser interpretada via teoria da sedução generalizada de Laplanche? E terceira e por último, como a importância da gestação psíquica aparece no desenrolar da parentalidade do personagem Crisóstomo na obra de Mãe? No decorrer do trabalho estas questões serão abordadas, buscando aprofundamento na abordagem psicanalítica laplancheana, trazendo referências do VII Congresso Nacional de Psicanálise, Direito & Literatura (2018) e do livro *O Filho de Mil Homens* (Mãe, 2016). É importante inteirar-se de que em maior ou menor grau, como trazido por Levinzon em seu livro “*Tornando-se pais: a adoção em todos os seus passos*” (2020, p. 11), todos nós somos adotados, pela família, pelos amigos, pelo país, pela comunidade, portanto, em diversos âmbitos.

Ainda sobre a problematização, faz-se importante, para aproximar-se das questões anteriores, elucidar sobre o processo de filiação, desvendando juntamente como o pai autoriza-se a exercer a parentalidade sobre este filho. Para Schettini, Amazonas e Dias (2006), há um gestar psicológico, já citado, que faz-se importante para a constituição da nova identidade de pai e de mãe do filho adotado e a mesma será abordada no decorrer do trabalho.

O presente trabalho tem ainda por objetivo geral, além de articular psicanálise e literatura, interpelar por meio da psicanálise laplancheana a vinculação libidinal mútua entre os personagens Crisóstomo e Camilo, pai e filho, perpassando por outras relações familiares que os envolvem. Também o objetivo de elucidar como ocorre a

reabertura da situação originária no processo de adoção em ambos os personagens no livro *O Filho de Mil Homens* (MÃE, 2016). E traz alguns objetivos específicos buscando relacionar a teoria da sedução generalizada ao processo de adoção, elucidar a noção de gestação psíquica presente no romance via teoria psicanalítica de Laplanche, explorar os processos de adoção com os quais o jovem personagem Camilo se depara no decorrer da obra e ainda analisar como se dá o processo de autorização parental no personagem Crisóstomo. Por meio dos objetivos os temas centrais do trabalho aparecem, onde o foco está em abordar por meio da obra literária de Mãe os temas de autorização parental e gestação psíquica, importantes conceitos para que a adoção seja executada de fato.

A gestação psíquica e aspectos narcísicos dos pais que se realizam na autorização parental, serão trabalhados, por serem também considerados importantes para a compreensão de como se dá a vinculação libidinal. Ao se identificar uma gestação biológica, e quando a mesma é desejada, há a construção, no imaginário dos pais, de um ideal para a criança que virá. Todo um preparo é feito para receber este bebê. No caso dos pais pretendentes à adoção é importante que também haja este preparo e inserção da criança no plano simbólico por meio da gestação emocional, para que se possibilite um espaço bom e saudável para a constituição da parentalidade e estabelecimento do processo de filiação, segundo Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro (2015). A vinculação e amor que parte dos pais adotantes para com o filho adotado torna-se possível através do reaparecimento e também pela reprodução do narcisismo com o qual se depararam na infância, abandonado há tempos (FREUD, 1914/2010). O amor dos pais, como ainda destaca Freud, que trata-se de um amor tocante e ainda infantil, relaciona-se a este narcisismo renascido, citado anteriormente.

O interesse por estudar a temática citada surgiu a partir da leitura do artigo “Sob o “melhor interesse”! O “homoafetivo” e a criança nos processos de adoção” de Ricardo Andrade Coitinho Filho (2017). O mesmo levantou a curiosidade sobre como se dá a ligação dos pais para com o filho adotado e o que exatamente acontece para que se autorize dizer: “este é meu filho”? Através das pesquisas realizadas, o termo autorização parental surgiu e auxiliou na construção do tema, que se faz relevante academicamente e socialmente, pois auxiliaria na compreensão dos processos citados. Para Junqueira (2014), “estas novas técnicas [de engravidar], junto à adoção,

dão aos casais homoparentais a possibilidade de ter filhos, o que causa também uma mudança na formação da família na contemporaneidade” (p. 35).

Além de tratar-se de um tema atemporal, trata-se também de um tema relevante socialmente, pois impacta diretamente a vida de crianças e adolescentes que esperam ser adotados e também a vida de pretendentes à adoção. O presente trabalho pode contribuir com o avanço da psicanálise, podendo levar a teoria da sedução generalizada de Laplanche (1992; 1988) ao encontro com os temas atuais e sociais. Do nosso ponto de vista, uma teoria psicanalítica pautada pelo primado do outro é mais apta a se aproximar da complexidade do tema da adoção. O Congresso Nacional de Psicanálise, Direito & Literatura (CONPDL), que aconteceu em 2018 voltou-se inteiramente para este tema, o que reitera a pertinência da adoção nas discussões contemporâneas psicanalíticas.

A partir disso, pretende-se dar continuidade e aprofundamento ao que foi iniciado no CONPDL de 2018, por este motivo filia-se a abordagem psicanalítica laplancheana, e, ainda seguindo esta perspectiva, a professora doutora Sarug Dagir Ribeiro, orientadora do trabalho, escreveu um importante artigo sobre adoção, intitulado “Algumas questões sobre a adoção na vida e obra de Marie Bonaparte” (2020). O que podemos considerar como o estado da arte do trabalho desenvolvido. Assim, assinalamos que a adoção tem uma capacidade especial de simbolizar a invasão originária explicada pela teoria da sedução generalizada. Dito isto, este trabalho pretende trazer a perspectiva dos personagens de Mãe a respeito da adoção, no campo da autorização parental, vinculação libidinal e processo de filiação, entre outros aspectos, o que pode ser visto também na realidade, em pais adotivos e pretendentes à adoção, e, discretamente, na vida da Valter Hugo Mãe.

Neste percurso de pesquisa notou-se que há muitos trabalhos que falam sobre adoção, mas nem todos trazem à superfície a construção do processo da parentalidade para com os filhos adotados e buscar-se-á trazer à luz esta relação. Faz-se importante destacar que o termo parentalidade foi cunhado recentemente por Paul Claude Racamier, em 1961 e resgatado em 1985 por Renée Clement, segundo Junqueira (2014), que ainda destaca que “desde então, vem sendo usado para designar o processo dinâmico por que passam os pais ao se tornarem pais” (p. 34).

Como citado, a presente pesquisa fundamenta-se teoricamente na psicanálise laplancheana, buscando na teoria da sedução generalizada o caminho para cumprir os objetivos trazidos. Faz-se importante, aqui, apresentar quem foi Laplanche e trazer

à tona a relevância de suas obras e contribuições à psicanálise. Jean Louis Laplanche, nascido em Paris em 21 de junho de 1924, foi um psicanalista francês. Dedicou-se a filosofia e após começar sua análise com Jacques Lacan, iniciou sua formação em medicina, dedicando-se à psicanálise logo depois. Laplanche é bem conhecido por ter sido um dos maiores estudiosos e conhecedores das obras de Freud (TARELHO, 2012) e por refletir criticamente sobre as mesmas, responsável também por traduzi-las ao francês. A teoria da sedução generalizada empreendida por Laplanche (1992) mostra-se original, onde desenvolve conceitualmente

as suas ideias a respeito da gênese do aparelho psíquico sexual do ser humano a partir da relação intersubjetiva, considerando a sedução não um acontecimento pontual nas experiências precoces da criança, mas o que torna possível pensar as origens de um sujeito psíquico no que ele tem de universal. (FEBRAPSI, 2021, p. 1).

No levantamento bibliográfico alguns importantes conceitos da teoria laplancheana surgem, como a noção de mensagem e tradução e também sedução generalizada (Laplanche, 1988), que ocupa lugar privilegiado por conectar a obra de Laplanche ao paradigma da alteridade na constituição psíquica (ANDRÉ, 2012). As teses laplancheanas sobre a prioridade do outro na constituição do psiquismo e sobre o realismo do inconsciente podem ser entendidas como as linhas mestras de sua reflexão (TARELHO, 2017). Na obra de Mãe, além do que foi dito anteriormente, podemos encontrar correlações ao pensamento de Laplanche, podendo citar a reabertura da situação originária, a alteridade interna, a tradução e os restos anamórficos de mensagens, noções que serão desvendadas, por meio de O Filho de Mil Homens (2016), no decorrer do trabalho. No romance a adoção aparece muitas vezes e de formas distintas, sendo capaz de mostrar a importância do primado do outro na constituição do psiquismo.

O trabalho será fundamentado nos conceitos e teorias trazidos anteriormente, buscando abordar o problema de pesquisa e objetivos geral e específicos de forma que se possa compreender como se dá a ligação dos pais adotantes para com os filhos adotados e dos filhos adotados para com os pais adotantes. O trabalho, ainda, por uma escolha metodológica, será desenvolvido em três capítulos, onde iremos abordar e problematizar no primeiro capítulo a aproximação entre psicanálise e literatura, desenvolver no segundo o conceito de autorização parental, levando em conta a teoria da sedução generalizada, relacionando-a à adoção que aparece no

romance de Valter Hugo Mãe e por último, no terceiro capítulo, discorrer sobre a importância da gestação psíquica para a constituição da parentalidade dos pais adotantes, ainda interpretando trechos do livro.

02 PSICANÁLISE E A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM NA LITERATURA

Antes de nos demorarmos sobre os temas de autorização parental e gestação psíquica presentes na obra *O Filho de Mil Homens de Mãe* (2016), consideramos importante trazer as articulações existentes e possíveis entre psicanálise e criação do personagem dentro de uma obra literária. Desde o princípio da psicanálise, Freud ressalta a importância da linguagem como expressão do inconsciente. Em muitos de seus textos, temos como exemplo “Escritores Criativos e Devaneios” (FREUD, 1908 [1907]), “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen (FREUD, 1907 [1906], 1997) e “O Caso Schreber” (FREUD, 2020 [1911]), pode-se notar a importância dada por Freud a palavra, seja ela escrita ou falada (SIMÕES, 2017), o que demonstra que a palavra e suas manifestações carregam grande importância e influência no meio psicanalítico.

Freud também aponta suas curiosidades a respeito da literatura ficcional, que parte da escrita criativa, demonstrando interesse em saber de que fontes o escritor criativo retira o seu material e como consegue impressionar e despertar emoções no leitor. Em seu texto “Escritores Criativos e Devaneios” há a equiparação da escrita criativa ao brincar infantil. Pois toda criança, ao brincar, comporta-se como um escritor.

Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e depende na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. (FREUD, 1908 [1907], p. 80).

A obra literária é um dos meios pelo qual a palavra escrita se manifesta. A literatura veio antes mesmo da psicanálise e a etimologia da palavra encontra sua origem no latim, partindo da palavra *litteris* que em sua tradução direta quer dizer letras (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2021), carregando o signo das instruções e dos saberes, do saber ler e escrever, podendo ser interpretada de formas mais amplas. Aqui atemo-nos ao seu significado mais genérico. A literatura, ainda, é entendida como “a arte de criar e recriar textos. (...) E pode ser tomada como expressão do inconsciente para, mediante as palavras, apreender a experiência do corpo com a realidade” (SIMÕES, 2017, p. 160).

A literatura também pode mostrar-se por meio da ficção, que parte da escrita criativa, criando histórias, mundos e heróis, que são capazes de cativar e prender a atenção daquele que lê. Mas qual seria o motor desta criação literária? Aqui podemos

citar a reflexão de Marie Bonaparte a respeito das obras de Edgar Allan Poe, que atrela o motor de todo o processo da produção literária aos desejos infantis inconscientes (BONAPARTE, 1932b, apud RIBEIRO, 2019, p. 208), ainda destaca que “da mesma maneira que o sonho, a obra literária é uma realização do desejo (inconsciente)” (RIBEIRO, 2019, p. 205, grifos do autor).

Faz-se importante destacar que mesmo que exista uma relação intrínseca entre a psicanálise e a literatura, ela não pode ser levada ou interpretada de forma leiga e genérica. A construção de uma obra e de seus personagens, passa pelo inconsciente de quem os constrói. Na etimologia da palavra "ficção", que parte de *fictione* declinada de *fictio* (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2021), que significa fingir, inventar, modelar, podemos encontrar relação ao significado do brincar trazido por Freud. O escritor criativo, segundo Freud, “faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade.” (1908 [1907], p. 80).

A literatura ficcional liga-se diretamente ao onírico, ao devaneio e às fantasias, e como citaremos mais a frente, ao narcisismo. As obras literárias dos homens revelam o seu mais íntimo psicológico, assim como Freud já mostrou que acontece nos sonhos, os mecanismos da elaboração do sonho e dos desejos mais fortes e bem escondidos também presidem a elaboração de uma obra de arte, em ambos os desejos profundos, infantis, arcaicos e inconscientes encontram espaço de se satisfazer, assim como nos sonhos (BONAPARTE, 1932).

Freud ainda destaca que nas criações dos escritores criativos há um aspecto que sempre aparece, a presença de um herói. O herói, que comumente vem como personagem principal, por quem o autor tenta de diversas maneiras direcionar a simpatia de quem lê, parece estar sob alguma proteção especial (FREUD, 1908 [1907]). É importante salientar e estudar as conexões existentes entre a vida do escritor e suas obras, ainda em menção ao texto de Freud, afirmação que pressupõe que há sim uma conexão do autor para com a história construída.

Neste momento podemos citar a obra de Bakhtin (2011), *Estética da Criação Verbal*, onde ele se demora sobre a criação textual, o personagem e o autor, buscando trazer a relação do criador com sua criatura e de onde parte a obra literária. Em seu livro traz considerações relevantes quanto a criação do personagem, onde, através de sua escrita pode-se notar a relação citada anteriormente e ainda destaca que "a

luta do artista por uma imagem definida da personagem é, em um grau considerável, uma luta dele consigo mesmo" (p. 5). O homem, autor, é o centro do conteúdo-forma organizador de sua visão artística, ainda de acordo com Bakhtin (2011), que acrescenta que esta ótica axiológica e esta estabilidade adquirida pelo mundo que circunda o autor criam a sua realidade estética, que não se iguala a realidade cognitiva e ética, mas não é, de fato, indiferente a ela.

O autor ao constituir um personagem deixa nele "marcas, restos desse encontro inaugural, que acompanham o sujeito, no caso, o autor, e se refletem nas suas construções ao longo da vida." (SIMÕES, 2017, p. 171). A obra do artista liga-se a ele e pode-se aventar que a mesma "é um acontecimento artístico vivo, significante, no acontecimento único da existência, e não uma coisa, um objeto de cognição puramente teórico, carente de um caráter de acontecimento significante e de um peso de valores" (BAKHTIN, 2011, p. 203). A tarefa do artista é encontrar o meio de aproximar-se da vida pelo lado de fora, como traz Bakhtin (2011).

No caso da obra de Mãe, O Filho de Mil Homens (2016), podemos dizer que há pontos em comum entre a obra ficcional do autor e sua biografia. É importante destacar que os pontos principais que surgem em seu romance, que relacionam-se diretamente ao amor, à parentalidade, à adoção e a família, podem ter relação direta com a vida de Valter, com aquilo que foi implantado em seu inconsciente no decorrer de sua vida, dando destaque ao que foi vivido em sua infância.

Valter Hugo Mãe em sua obra autobiográfica intitulada *Contra Mim* (2020), traz a história de sua infância e adolescência. Em resumo, Valter foi um menino muito quieto, inocente, curioso, carente, espantado, carregava em si muita bondade e pode-se dizer certa tristeza. Foi entendido como santo por um tempo pelas pessoas que o rodeavam, cresceu num meio muito católico (Ibdem). Crisóstomo, o personagem principal de *O Filho de Mil Homens* (2016), criação de Mãe, é descrito como o homem que era só metade, que carregava certa melancolia, era carregado de ausências e silêncios, como descrito na obra, carregava também muita bondade, abrindo espaço para relacionar o personagem ao eu infantil do autor. Há uma aproximação do personagem com Mãe, seria Crisóstomo seu alter ego? O que nos faz lembrar o conceito de duplo trazido por Freud, o duplo é entendido como uma garantia contra o declínio do eu, o que nos lembra diretamente o narcisismo, "o gesto de criar uma tal duplicação para defender-se do aniquilamento tem a sua contraparte numa configuração da linguagem onírica (...)" (FREUD, 2021 [1919], p. 80).

Valter cita frequentemente, ainda em sua autobiografia, a morte de seu irmão Casimiro, cresceu acreditando que ele estava a protegê-lo, pode-se notar que os restos do irmão andavam com ele, o que podemos ver acontecer também no romance, Velho Alfredo, primeiro personagem a adotar Camilo, fez de tudo para manter a sua esposa Carminda viva mesmo após sua morte e os restos da mãe biológica de Camilo estão apregoadas ao seu psiquismo.

Faz-se possível dizer que a maternidade e parentalidade também estão em seu entorno, seja na realidade, seja em sua obra. Nélida Piñon traz no prefácio do livro *Contra Mim* (2020) que Valter tinha a mãe como epicentro, pois ela o envolvia com amor e pôde dar a ele condições de erguer o seu próprio futuro. Ele diz no capítulo *Curar a Infância* que não frequentou a escola primária, porque se sentia violentado pela distância de sua mãe. Sua mãe parece retornar em sua obra nas mães que amam e adotam seus filhos.

Mais velho, Valter permaneceu com medo de prosseguir com os estudos, pois poderia apanhar de suas professoras se fizesse algo que elas consideravam errado. Fingia ir à escola, mas se escondia e abaixava a cabeça para não ser visto. Quando descobriram a sua astúcia ele chorou desalmado e sua mãe teve a seguinte postura, descrita por ele:

Então, a minha mãe perguntou se eu não gostaria de aprender a guardar as coisas de dentro da cabeça. Ainda hoje me fascina o modo como ela entendeu o meu mundo. Pensei primeiro que teríamos tripas na cabeça, peles e órgãos feios como havia nos bichos que eram cozinhados. Depois ela me disse: as coisas de pensar. Tu tens de aprender a guardar as coisas de pensar. Se souberes escrever, as folhas de papel serão caixinhas onde podes arrumar com palavras tudo aquilo que não queres esquecer. E as folhas de papel, tão planas e aparentemente vazias, adquiriram fundura, uma imensidão inesperada, porque, se eu soubesse escrever pirilampo, para sempre um pirilampo estaria ali, talvez até de cauda acesa, à minha espera. Meu. Sem ir embora. Eu disse: é a minha palavra preferida. A minha mãe respondeu: eu sei. (MÃE, 2020, p. 49)

Foi encantando-se pelas letras a partir daí, influenciado por sua mãe. Tinha um caderno onde anotava suas palavras preferidas chamado de coleção de palavras. Com o tempo compreendeu que, para ele, as palavras eram fundamentais para a existência do afeto. Ao refletir sobre como tornou-se escritor diz que nunca sonhou em sê-lo, mas escrevia e maravilhava-se com o sonho dos outros, ainda diz que

Antes de saber o que era Literatura, eu julgava todas as coisas escritas como sagradas ou capazes de certo milagre, ou seja, prestando atenção e cuidando. Comecei a anotar versos nas minhas coleções de palavras,

observações bizarras que precisava de entender, como se dentro das próprias palavras nascessem mistérios e outras realidades. (MÃE, 2020, p. 91).

Para além do seu adiantado encanto pelas palavras traz características a respeito de si mesmo que merecem destaque. O amor pelos livros e pela literatura aparecem em seu romance nos personagens Alfredo e Camilo, onde um ensina ao outro, respectivamente, que os livros eram onde se podia aprender de tudo.

Ainda sobre Valter, quando mais novo, ao ver uma menina que o interessou fugiu em profunda vergonha, dando início ao seu interesse pelas garotas, ao que acrescenta: “Iniciei assim meu jeito triste no amor. Tive poucas dúvidas de que falharia por toda a vida.” Em alguns pontos do livro, como esse, é possível perceber certa correlação com sua obra ficcional, *O Filho de Mil Homens* (2016), para o personagem principal os amores também falharam durante boa parte da vida. Há pontos em comum também em certa melancolia e exclusão, os personagens do romance parecem se encontrar num ponto de exclusão, ponto que também aparece em sua autobiografia ao referir-se ao seu próprio pai, que é descrito como um homem que sentia-se excluído pelos pais e irmãos, buscando de alguma forma chamar a atenção deles.

Valter também cresceu sonhando em ter uma família. Em 2016 o autor, já reconhecido e aclamado, e em seus 45 anos, admite não ter vergonha de dizer ser um filho da mamãe e ainda revela em parte da entrevista, que falta-lhe um filho. Tem-se ainda o seguinte diálogo:

- Mantém o sonho de ainda vir a ser pai? Há alguns anos que verbaliza esse desejo.
- Mantenho.
- Porque é que ainda não conseguiu realizá-lo? Percebeu tarde que queria ter um filho?
- Não aconteceu, pronto. As coisas são assim. As vidas das pessoas vão passando e há coisas que não acontecem. Como podia ter emigrado e não emigrei, como fui escritor e não funcionário público. Talvez gostasse de ter sido professor, achei sempre que fosse a profissão mais lógica para mim, sentir-me-ia muito bem trabalhando na formação dos alunos, dos mais jovens, sempre achei que teria muita vocação para esse papel, de ajudar na formação das pessoas. Mas a vida vai-nos mostrando outras opções e acabamos por ser quem somos mais do que quem julgávamos que íamos ser. (COELHO, 2016).¹

¹ Disponível em: <<https://observador.pt/especiais/valter-hugo-mae-nao-gostei-da-minha-adolescencia-nao-aconselho-a-ninguem/>>

São pontos que também aparecem em sua obra ficcional, lançada a princípio no ano de 2011. O primeiro parágrafo de seu romance *O Filho de Mil Homens* (2016) diz o seguinte: “Um homem chegou aos quarenta anos e assumiu a tristeza de não ter um filho. Chamava-se Crisóstomo.” (MÃE, p. 19).

Ao estudar um autor e sua obra nos é dado certo conhecimento a respeito de ligações presentes em sua vida e produção, o que nos permite dizer que o inconsciente, muitas vezes, aparece através de sua escrita, mesmo ficcional. É importante ressaltar também que, neste trabalho, ao citar a autobiografia do autor não nos interessa analisar leigamente Valter Hugo Mãe ou analisar de forma selvagem a sua obra, mas tê-la como objeto onde se faz possível abordar temas que estão presentes na realidade e na atualidade, onde também citamos ligeiramente os pontos em comum entre biografia e ficção, tratando-se em parte de hipóteses. Para analisar o autor teríamos que o conhecer profundamente, ouvi-lo e quem sabe, conhecer suas diversas obras que, evidentemente, estão atravessadas também pelo seu inconsciente. O que acontece na literatura, acontece na realidade e podemos usá-la para também compreender a teoria.

Freud, em seu texto *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907 [1906], 1997) diz que os escritores criativos são “aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar” (p. 20). Trata-se de uma afirmação brilhante e muito conhecida e que é capaz de refletir, mesmo nos dias atuais, como a literatura é proveitosa para a compreensão do sujeito e da sociedade (VIEIRA E LIMA, 2019).

Ao final da autobiografia de Valter Hugo Mãe, já no último capítulo, *Beleza e Poemas*, ele diz o seguinte: “Todas as vidas, afinal, são imitação de um romance. Imitam um livro.” (MÃE, 2020, p. 251). Podemos relacionar a sua fala ao que Barthes (2013) nos lembra: a literatura sempre está adiantada a respeito de tudo.

03 AUTORIZAÇÃO PARENTAL E VINCULAÇÃO LIBIDINAL NA OBRA *O FILHO DE MIL HOMENS* DE VALTER HUGO MÃE

Ao trazer o termo parentalidade é importante adentrarmos a história de seu resgate. Como dito ao início do trabalho, trata-se de um termo recente cunhado por Paul Claude Racamier, em 1961, ao estudar sobre as psicopatologias psiquiátricas decorrentes da maternidade (JUNQUEIRA, 2014). Quando se definiu a maternidade trouxe junto a ela a parentalidade, que em 1985, ainda de acordo com Junqueira (2014), foi resgatada por Renée Clement e a partir disso vem sendo designada como o processo dinâmico pelo qual os pais passam ao se tornarem pais. Nota-se ainda que o termo parentalidade deixa de lado a diferenciação do gênero dos pais, seja homem ou mulher.

Como trata-se de um processo dinâmico, denota-se aí que a parentalidade atua como algo a ser construído na nova posição subjetiva dos futuros pais. Então, quando falamos neste termo o entendemos como uma construção do exercício parental, necessitando previamente de uma nova organização psíquica dos pretendentes à adoção que virão a ser pais. No momento de espera do filho que virá, segundo Junqueira (2014), há a possibilidade de desencadeamento de lutos vividos na infância ou adolescência dos futuros pais, seria o chamado luto desenvolvimental, cunhado por Cramer & Espasa (1993), os lutos que ligam-se aos desenvolvimentos. Junqueira (2014) acrescenta que um possível desmoronamento depressivo chega a ocorrer nesses momentos de passagens, que estão diretamente ligados aos lutos e conflitos vividos e mal resolvidos anteriormente. Sair do lugar de filho para assumir a posição de pai é um luto vivido pelos futuros pais, estejam eles num contexto de parentalidade biológica ou adotiva.

É importante observar que para exercer a parentalidade não necessariamente precisa haver uma ligação consanguínea, podendo ser desenvolvida e exercida por meio da adoção. O processo de tornar-se pai e mãe envolve um longo percurso e tem início muito antes do nascimento de um filho (ZORNIG, 2010) e numa relação adotiva também há um percurso a ser percorrido, antes mesmo da execução da adoção. A história que antecede a vida da criança tem início na história de cada um de seus pais e o desejo pelo filho é capaz de reatualizar as fantasias e cuidados parentais que vieram a ter, ainda de acordo com Zornig (2010).

No decorrer desse percurso e após a chegada do filho há a abertura da situação originária, que, segundo Laplanche citado por Santos (2018)

estaria relacionada nas origens, à assimetria radical entre um adulto portador de sexualidade inconsciente e um bebê desprovido de inconsciente, que ficaria à mercê das mensagens provenientes do adulto, mensagens essas que são perturbadas pelo sexual infantil e por seu inconsciente (Ibidem, p. 84).

Esta situação antropológica fundamental também atravessa a constituição da parentalidade, pois os pais, quando bebês e/ou no decorrer da infância, receberam mensagens inconscientes de seus próprios pais, situação esta que pode repetir-se no decorrer da vida, e vem a se atualizar continuamente. Há uma tentativa de tradução das mensagens recebidas instaurada nos bebês, que permanece no sujeito mesmo em sua adultez, o que possibilita que a situação originária venha a se reabrir.

As mensagens recebidas anteriormente pelos pais, pretendentes à adoção, também serão passadas ao filho que virão a ter. Perpassam a ligação a ser construída entre eles e ainda de acordo com o pensamento laplancheano, a adoção e a construção do vínculo entre pai e filho só se faz possível na medida em que o adulto mostra-se disposto a amparar a vulnerabilidade do bebê, da criança ou do adolescente, por reconhecer, mesmo que de forma inconsciente, que esteve também vulnerável e a mercê de um outro adulto anteriormente. Campo e Matos (2018) acrescentam que

A vulnerabilidade do outro pode trazer à cena a reabertura de uma situação originária, com seus restos anamórficos de mensagens ainda por traduzir e a condição de possibilidade para a sua adoção reside no fato de que sua passividade faz apelo à nossa própria passividade originária. (...) Cientes de que conhecer a si mesmo e o outro é um processo interminável, não passível de conclusão, é possível que estabeleçamos uma relação ética de acolhimento ao outro, na medida em que nos reconhecemos igualmente portadores de uma alteridade interna que nos descentra e que nos coloca continuamente a trabalho (Ibidem, p. 270).

Mãe nos apresenta no primeiro capítulo de seu livro, *O Filho de Mil Homens* (2016), o personagem principal, Crisóstomo, pescador de 40 anos, a quem descrevia como o homem que era só metade, pois faltava-lhe um filho, “sentia que tudo lhe faltava pela metade, como se tivesse apenas metade dos olhos, metade do peito e metade das pernas (...). Via-se metade ao espelho” (MÃE, 2016, p. 19). A ausência de um filho que era tão desejado por ele, o fazia cair para dentro de si mesmo, “para dentro do homem era um sem fim, e pouco ou nada do que continha lhe servia para a

felicidade. Para dentro do homem o homem caía”² (MÃE, 2016, p. 19). Ao encontrar e adotar o personagem Camilo, após perguntar se podia ser seu pai, reabre-se a situação originária a partir do enigma com o qual Crisóstomo deparou-se em sua infância. O pescador “perguntou-lhe, por responsabilidade, contendo a ansiedade mas assim perguntando como se fosse uma coisa normal, se podia ser seu pai” (MÃE, 2016, p. 25). Camilo também estava prestes a cair para dentro de si, após a morte de seu avô Alfredo, a partir do encontro do pescador para com o menino e da adoção de um para com o outro, puderam livrar-se da queda, ainda acolher as vulnerabilidades e autorizar que um vínculo entre ambos pudesse se estabelecer. O que é certificado por Campo e Matos (2018) quando dizem que

Para não cairmos para dentro de nós mesmos, é preciso que alguém nos adote a partir de seu próprio enigma, alguém que nos acolha e nos autorize a tomá-lo por um outro, pois é capaz de respeitar e manter sua própria alteridade interna (Ibdem, p. 270).

É possível perceber, ainda, que para que o vínculo entre os pais adotantes ou pretendentes a adoção seja constituído para com o filho, além de passar pela situação originária e restos de mensagens a serem eternamente traduzidas e/ou simbolizadas, passa-se pela alteridade interna de cada um, que é deflagrada no encontro entre adulto e criança

Esta alteridade — esta mensagem outra — não é só a da diferença entre o adulto em relação à criança, mas a da diferença do adulto para consigo mesmo, ou seja, trata-se da alteridade implicada no/pelo inconsciente do adulto como corpo estranho e no que este inconsciente torna o adulto enigmático para si mesmo e, mais ainda, para a criança. (FIGUEIREDO, 1994, p. 299).

Na história do personagem Camilo, há duas adoções importantes que marcam sua vida e antes de demorarmos sobre estas, é importante que se apresente a mãe biológica do mesmo, e o que o levou a ser adotado. Antes da primeira adoção do menino, sua mãe, uma anã marginalizada e infantilizada pelas pessoas da vila onde mora e uma das únicas personagens do romance a não receber um nome, é apresentada. Pode-se perceber a forma pueril com que seus vizinhos enxergavam a vida que ela levava, “podiam quase pensar que a vida da anã era de brincar, como se ela só brincasse. Coitadinha, diziam, só brinca, não faz nada a sério. Nunca se tornaria

² Pode-se fazer alusão a sombra do objeto que recai sobre o ego, a que Freud se refere em *Luto e Melancolia* (1917[1915]/2010).

uma pessoa adulta” (MÃE, 2016, p. 31). Pensavam todos que nunca viria a conhecer o amor ou que não seria detentora de uma sexualidade, umas com as outras “as vizinhas comentavam que triste seria a vida sem o amor, e o amor naquele povo não era romântico, era só o ter um homem, deitar com um homem” (MÃE, 2016, p. 32). Então, a anã, ao aparecer grávida, gerou espanto e terror em muitos, “a coitadinha da anã engravidou, dizia toda a gente. E toda a gente, incapaz de conter fúria e perplexidade, exclamava ordinariamente: ai a ordinária” (MÃE, 2016, p. 37). Ao dar à luz ao menino acabou por falecer, chamaram o menino de Camilo e enterraram a anã como um monte de entulho (Ibdem).

A partir disso, o personagem Camilo pôde ser adotado pela primeira vez. Velho Alfredo, quem possuía genuína vontade de ser pai, é quem consolida esta primeira adoção. Este personagem, já com a idade avançada, tinha com sua falecida esposa, Carminda, o sonho de ter um filho; tentaram realizá-lo, mas Minda ao engravidar sofreu um aborto. Um dia, ao passar pelos povos do interior, velho Alfredo, já viúvo, foi apressado ao encontro do doutor responsável pelo parto da anã, dizendo “que queria o menino, não lhe faria mal e haveria de o criar a ver o mar com muito carinho” (MÃE, 2016, p. 72). O médico pensava que Alfredo já estava muito velho para responsabilizar-se por uma criança, afirmando que os bebês eram coisa para o futuro e não só para o presente, mesmo assim acaba entregando-o. Para Alfredo o bebê é tido como filho, mas conta a ele que é seu avô. Ao chegar em casa “sentado com o menino ao colo, pensou: Minda, o nosso menino chegou” (MÃE, 2016, p. 75). Aqui mostra-se o caminhar da autorização parental do Velho Alfredo para com a vulnerabilidade do menino Camilo, a começar do encontro e da vivência de ambos, que é onde ocorre a implantação do inconsciente no bebê, a partir da situação originária com a qual Camilo vem a deparar-se.

É possível encontrar uma correlação na fala do velho Alfredo ao narcisismo de Freud (1914/2010), o personagem pensava em segredo que os filhos podiam ser uma vingança contra a irrefutável morte, “uma revolta contra o apagamento absoluto. Como se fosse de acreditar que através das crianças que se criavam se podia perdurar ainda” (MÃE, 2016, p. 78-79). Freud (1914/2010) traz que “no ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança” (p. 25).

No desenrolar da obra podemos ver que o avô de Camilo permanece nele, consciente e inconscientemente; os aprendizados que Camilo carrega por muito

tempo no decorrer de sua vida vieram de sua primeira infância, de quando convivia com Alfredo, levando isso adiante e só se dando conta mais tarde de que carregava certos conceitos e pensamentos por causa do avô, assim como coisas materiais, “tinha os livros do avô Alfredo e a sua fotografia com a avó Carminha e estava tudo guardado ali como uma memória viva, como se sua cabeça tivesse o tamanho do quarto (...) (MÃE, 2016, p. 190).

Assim como os ensinamentos mais palpáveis ficam com o sujeito, o inconsciente, implantado pelo adulto a partir do encontro entre criança e adulto vem a permanecer, o que é marcado por grande desequilíbrio, seria uma dissimetria, que envolve quase todos os campos da vida, mas com foco na sexualidade pulsional que é também implantada pelo adulto sendo constituída pelo recalçamento, de acordo com Tarelho (2017). O autor ainda acrescenta que “o desequilíbrio vale também para o próprio adulto em relação a si mesmo, já que está submetido a um inconsciente que ele próprio desconhece” (p. 23). A situação de desamparo e inteira dependência do adulto na qual o bebê se encontra é definida por Laplanche (1987/1992) como situação antropológica fundamental; o recém nascido, a princípio “é inscrito no plano exclusivo da autoconservação (...), ante o adulto, para o qual a sexualidade inconsciente já reina como soberana sobre as outras forças psíquicas” (TARELHO, 2017, p. 23).

Ao ler a história do livro de Mãe e observarmos as suas entrelinhas, notamos, que assim como na realidade, a adoção se faz possível através de uma autorização, seja do pretendente à adoção ou do adotado, pois trata-se de uma via de mão dupla e que é precedida pela situação explicada anteriormente. Para que a adoção seja consolidada de fato caminha-se pela história dos sujeitos, pelo inconsciente, pelos restos de mensagens a serem eternamente traduzidas e pela alteridade interna. Há no sujeito os restos de mensagens enigmáticas, que estão comprometidas com o inconsciente sexual infantil do adulto, seguido pelo trabalho de tradução. A partir do encontro pai/bebê tem-se o início deste trabalho de intromissão do inconsciente e tentativas de tradução, que por muitas vezes falham e seus restos compõem o inconsciente do bebê. Diante disso pode-se trazer o estado de desamparo, já mencionado, no qual o ser humano nasce, segundo Laplanche (1992), que traduz como a incapacidade de amparar a si mesmo, num estado de miséria, que depende totalmente do ambiente humano, primeiro para sobreviver e depois para seu desenvolvimento e saúde, como trazido por André (2012).

Podemos dizer que a autorização parental aparece através da alteridade interna, do encontro de vulnerabilidades e da (re)abertura da situação originária, que não se restringe apenas aos começos. O personagem Crisóstomo, ao encontrar o menino Camilo, aos 14 anos, enlutado e sozinho, que andava triste e prestes a cair para dentro de si mesmo, como o próprio personagem principal, além de encontrar o filho que tanto desejava, admite em si uma fragilidade, que também consegue ver no menino, possivelmente houve um apelo à própria passividade originária, passando a existir e tendo seu desamparo acolhido pela escolha de outro alguém. Crisóstomo, adulto, ao deparar-se com Camilo suscita elementos do seu próprio desamparo infantil relativo à própria vulnerabilidade em que se encontra e com a qual deparou-se quando bebê, elementos que retornam não da mesma forma de como apareceram na infância. No trecho seguinte é possível ver como o personagem acolhe a fragilidade e o luto que o menino ainda encara por ter perdido seu avô:

(...) Ao Crisóstomo cortava-lhe o coração pensar no medo, no exercício de dor que teriam sido os vinte dias em que o rapaz pequeno se agachara sozinho na casa velha. (...) o Camilo estivera vinte dias à procura de anular a realidade, talvez convencido de que o avô voltaria num ruído qualquer que ele pudesse entender e lhe dissesse afinal o que fazer em seguida. O Crisóstomo abraçava o Camilo, beijava-lhe a testa e dizia-lhe: nunca tenhas vergonha de sentir medo ao pé de mim. Ao pé de mim, podes sentir tudo o que sentires, podes dizer-me o que souberes e quiseres, e pedir-me o que precisares. Se tiveres vergonha, fazes de mim um pai horrível e matas-me um bocadinho. (MÃE, 2016, p. 189).

Para além da identificação entre os dois personagens, Crisóstomo e Camilo, é importante destacar que o desejo de ser pai caminhava com o personagem principal há tempos, tanto que “decidiu que sairia à rua dizendo às pessoas que era um pai à procura de um filho” (MÃE, 2016, p. 20), certificando de que a adoção entre ambos não aparece como uma caridade ou favor. Na realidade, muitas pessoas pensam em adotar seguindo o desejo de fazer o bem a uma criança órfã, o que não caracteriza uma boa motivação para se consolidar uma adoção, a criança tem de ser adotada por pais que querem ter um filho e não por um ato de caridade, além disso o processo de filiação mostra-se bastante complexo, segundo Levinzon (2020), que ainda acrescenta que “quando os pais supostamente adotam uma criança para “salvá-la”, exigirão mais tarde retribuição por sua benfeitoria e provavelmente não serão tolerantes com os comportamentos da criança que destoam do que imaginam vir de uma “criança grata” (p. 27, grifos do autor).

Entre os personagens da principal adoção da história, Crisóstomo e Camilo, houve identificação e cuidados mútuos,

as demonstrações de cuidado de um para com o outro se apresentam de modo mútuo: Crisóstomo incentivou que o filho voltasse aos estudos, ao passo que este, por sua vez, incentivou que o pai encontrasse uma mulher para amar, de modo que nada lhe faltasse futuramente, quando se casasse e seguisse seu caminho. (CAMPO; MATOS, 2018, p. 265).

Para que a adoção de Crisóstomo e Camilo viesse a ser consolidada houve disposição e abertura de ambas as partes, havendo responsabilidade, disponibilidade e acolhimento das vulnerabilidades de um e outro. É notável destacar que o vínculo não se constrói do dia para a noite, trata-se de um processo que demanda tempo, “tornar-se pai e mãe depende de um processo psíquico complexo que se estende por muitos anos de convívio com o filho e que possibilita o desenvolvimento de uma ligação especial e necessária com ele” (LEVINZON, 2020, p. 17). A segunda adoção do menino Camilo trata-se de uma adoção tardia, o que não impossibilita que um vínculo entre o pai adotante e o filho adotado se estabeleça,

em adoções tardias, nas quais as crianças já possuem uma história libidinal e aparelho psíquico constituídos –, provocando, assim, reaberturas que exigiriam um esforço tradutivo de ambos os envolvidos. Essa reabertura pode, então, mostrar-se tanto como obstáculo para a adoção como a possibilidade de engendramento do novo. E isto não só para a criança. Tais respostas irão depender da disponibilidade de se abrir ao outro que virá surpreender (SANTOS, 2018, p. 85).

No caso dos personagens Crisóstomo e Camilo, mesmo havendo diferenças entre ambos, houve o engendramento do novo, possibilitando uma vinculação inicial que contribuiu para que a vinculação e autorização parental se estabelecessem. Esta vinculação e amor por parte dos pais adotantes para com o filho, se dá por meio da “revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo há muito abandonado” (FREUD, 1914/2010). Ainda de acordo com Freud: “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido que, na sua transformação em amor objetal, revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (p. 25).

Ao final do livro temos o seguinte trecho: “O Camilo imitou o pai. Achava que imitar o pai era ganhar juízo e afecto, ter o coração inteligente. (...) O Crisóstomo abraçou o filho e repetiu: amo-te muito, meu filho. Era o que mais queria dizer: meu filho.” (Mãe, 2016, p. 216). Demonstra que apesar das diferenças e dos altos e baixos

que a constituição de uma família vem à apresentar, o vínculo entre os personagens Crisóstomo e Camilo pôde se estabelecer, de modo mútuo, houve o acolhimento de um para com o outro e resolução de vários conflitos relacionados ao narcisismo, à falta, ao diferente, ao estranho, possibilitando a construção do vínculo por meio da adoção.

04 A IMPORTÂNCIA DO ENIGMA PARA A GESTAÇÃO PSÍQUICA E PARA A CONSTITUIÇÃO DA PARENTALIDADE

Como abordado no capítulo anterior, a parentalidade se constitui a partir de um longo percurso, tratando-se de um processo contínuo que antecede a chegada de um filho. A constituição da parentalidade associa-se também

à capacidade subjetiva dos pais de construírem uma imagem do filho, criarem sonhos e expectativas a seu respeito, atribuindo-lhes características familiares, fatores que interferem na sua constituição como ser, o que ocorre tanto nos casos de filiação biológica como adotiva. (MORELLI, SCORSOLINI-COMIN; SANTEIRO, 2015, p. 177).

Isto é, para tornar-se pai ou mãe o filho precisa estar inscrito no plano simbólico dos pais, as projeções e fantasias que tem a respeito da criança compõem esta inscrição e também associam-se diretamente à relação que esses futuros pais têm com sua família de origem. Quando se fala em gravidez, e quando esta é desejada, há mudanças no psiquismo dos futuros pais e um preparo para receber a criança que virá, diz respeito a um período importante para construir a nova identidade de pai e mãe (SCHETTINI, AMAZONAS; DIAS, 2006). É importante que o mesmo aconteça aos pais adotivos, nestes tratando-se de uma gestação psíquica, também chamada de gestação emocional, psicológica ou simbólica, que diz respeito ao processo de preparação e espera do filho a ser adotado, que para além da aquisição de informações trata-se de construir a parentalidade de forma saudável (MORELLI, SCORSOLINI-COMIN; SANTEIRO, 2015).

Em síntese, a gestação psíquica liga-se diretamente ao desenvolvimento da parentalidade no plano simbólico. É tida como a preparação para a chegada do filho, onde é preciso “imaginar, sonhar e refletir sobre o exercício parental e, principalmente, trabalhar os fantasmas que povoam o imaginário do(s) adotante(s)” (MORELLI, SCORSOLINI-COMIN; SANTEIRO, 2015, p. 199). O desenhar do filho no imaginário dos pais e o desejo de que ele esteja inscrito no seio familiar relaciona-se também às fantasias a serem elaboradas; a gestação psíquica tem grandes chances de sucesso quando, para além do desejo de se ter um filho, há a elaboração do luto do filho imaginário, para dar lugar ao filho real (Idem). Dessa forma, fica evidente que o filho existe antes mesmo de sua presença no espaço físico e é significativo que este também se modifique para o acolhimento da criança (Idem).

Torna-se imprescindível que os pais, antes de executarem a técnica da adoção de fato, trabalhem as suas questões inconscientes, assimilando os pormenores do processo adotivo em seus devidos espaços, elaborando as diferenças que se integram diretamente a parentalidade. A partir disto uma boa relação parental pode ser desenvolvida, pois poderão se assumir como verdadeiros pais da criança, propiciando um espaço bom e acolhedor para ela, como trazido por Schettini, Amazonas e Dias (2006). As autoras destacam também que

Tudo o que é dito, sonhado e imaginado sobre o filho adotivo será determinante na constituição de sua subjetividade. Os pais, adotivos ou não, são os que mais contribuem para a formação da identidade da criança. São eles que vão construir, junto com ela, uma infinidade de sentidos das experiências que viverão ao longo da vida. Esses sentidos são todos possíveis dentro do contexto sociocultural que os circunda e serão usados na constituição de suas subjetividades. (SCHETTINI, AMAZONAS; DIAS, 2006, p. 290).

Em Velho Alfredo, o personagem responsável pela primeira adoção de Camilo, pode-se perceber o desejo em ter um filho, que, primeiramente, é atravessado por muitas fantasias. A princípio tinha o sonho de ter um filho junto a sua esposa, ela chega a engravidar, mas sofre um aborto, como citado no capítulo anterior. Quando a personagem Carminda perdeu o filho que desejava e carregava “ficou angustiada com o que acontecia aos filhos que não se podiam ter” (MÃE, 2016, p. 74), ao perder este filho entra numa profunda tristeza, tanto que passou a considerar-se oca, por não voltar a engravidar. Já o Velho Alfredo, mesmo em seu luto, dizia que a alma do filho que não chegou a nascer ficaria guardada no céu para vir em uma outra oportunidade. Vê-se que em ambos há indicações de que não houve uma inteira elaboração do luto do filho biológico que não tiveram, o que poderia interferir na constituição da vinculação libidinal do pai para com o filho a ser adotado. As autoras Morelli, Scorsolini-Comim e Santeiro (2015) trazem que “a gestação simbólica tem grande chance de sucesso quando é realizado o luto do filho biológico e a aceitação do filho real.” (p. 186).

Quando Carminda falece, o desejo de ter um filho permanece com Velho Alfredo. Ao adotar Camilo, acreditava que se o menino carregava parte de sua mãe anã, carregaria também parte de sua falecida esposa: “Pensou que o menino também era o resto da Carminda, o resto da mulher que afinal se prolongava. Sendo o resto da anã, transformava-se no resto da Carminda.” (MÃE, 2016, p. 76). Alfredo acreditava ainda que ao menino estava reservada a alma certa, “pensou que a Carminda,

suspensa à espreita pelos céus, se assegurara de fazer com que aquele fosse o filho deles, que finalmente chegara a oportunidade do filho deles.” (Ibidem).

Apesar dos atravessamentos com os quais o Velho Alfredo se depara no que refere-se a exercer a parentalidade, quando adota Camilo, além das fantasias que carrega, que são componentes importantes para o gestar psíquico, preparou a casa e tudo o que podia para acolher o bebê, o que demonstra que houve um ambiente adequado que contribuísse para um bom desenvolvimento do menino. Entre ambos a vinculação libidinal vai se constituindo, como se o menino fosse um complemento do desejo de parentalidade de Alfredo, onde o primeiro é seduzido e inserido no mundo do pai, mundo este que é simbólico e comunicativo, também envolto por um nível de realidade fugidia e integrado a mensagens enigmáticas (RIBEIRO et. al. 2017), o desenvolvimento psíquico de Camilo é influenciado agora, principalmente, por este meio, onde ele está inserido e de onde partem mensagens e normas.

No decorrer da obra de Mãe, no que diz respeito ao crescimento do menino Camilo, constata-se nele, além das contribuições conscientes e inconscientes vindas do Velho Alfredo, uma grande curiosidade a respeito das coisas da vida, logo apresentava-se curioso quanto a sua origem:

Não foi estranho que perguntasse muito sobre a sua mãe. Como era o que fazia. O velho Alfredo não conhecia a anã. Explicou ao Camilo que soubera de um bebê nascido sem ninguém e que fora buscá-lo como se lhe pertencesse, caído do céu (...). O Camilo frustrava-se um pouco pela falta de pormenores nas histórias do avô, mas fantasiava a partir do tom da sua voz e a partir do carregado do seu semblante, como se o vigiasse de perto, à espera que lhe desse uma pista maior para um segredo maior que haveria de ser o seu passado. (MÃE, 2016, p. 77)

É perceptível que em velho Alfredo há uma certa resistência em contar a Camilo mais sobre sua história pregressa, tratava-a como uma conversa banal, “daquelas que se ouvem como coisa nenhuma, como se apenas o vento silvasse lá fora.” (MÃE, 2016, p. 77). Resistência que também podemos notar na frustração que aparece em Camilo pela ausência de detalhes na história que o avô contava. Importante pontuar que na clínica da adoção a história de origem da criança é importante para a constituição do seu psiquismo; além de receber essas informações e mensagens terá que traduzi-las e nem tudo poderá ser transposto. Segundo Dolto (1998, apud LADVOCAT, 2018, p. 105), pais que mantêm em segredo as origens da criança, acreditam que o fato do filho não saber a sua origem pode tornar o filho adotivo em biológico em suas fantasias, como se as lacunas nessa história pudessem aproximar

o filho da nova família. Ao rejeitar esta história pregressa os pais podem apresentar dificuldades em lidar com temas que relacionam-se a ela e muitas vezes preferem pouco saber para não ter o que revelar ao filho, porque podem não se sentir como portadores do direito legítimo sobre a criança, conforme trazido por Ladvocat (2018).

O personagem Camilo não chegou a conhecer a sua mãe biológica, mas carregava em si, desde seu nascimento, um laço para com ela. Em algumas passagens do livro é possível encontrar pistas desta ligação, em uma delas diz-se: “e o menino ainda pensava que o seu corpo prosseguia pelo dela.” (Mãe, 2016, p. 71). Sendo continuação de sua mãe morta carregava ainda em si o trauma da separação tão precoce que precisou encarar em seu nascimento, ainda a respeito de Camilo o narrador traz o seguinte:

Mas este era ainda muito carrancudo. Não percebia nada da vida e não fazia escolha. Calava-se. Era um bebé calado. Talvez sentisse que até começar a respirar fora já caminho longo de agruras e rondas de morte, talvez não quisesse agora arriscar mais coisa nenhuma. (Ibidem, p. 73-74).

Através dos trechos citados pode-se notar que em Camilo há traços deste afastamento precoce. A autora Levinzon (2018) diz que uma criança ao ser adotada, traz em si marcas da separação em relação à mãe a quem liga-se geneticamente, separação que na maioria das vezes aconteceu bem precocemente e pode representar para a criança um trauma, que chega a ter maiores ou menores proporções, dependentes da condição em que se deu tal separação. Acrescenta ainda que a “marca do abandono e do desamparo pode estar gravada no psiquismo da criança, em graus variados, desde uma cicatriz fina, mas indelével, até uma ferida narcísica com dimensões dramáticas.” (p. 53).

O capítulo em que podemos conhecer melhor o vilarejo, a anã e um pouco de sua história, que também é a história pregressa do menino Camilo, recebe o seguinte título: “O filho de quinze homens” (MÃE, 2016), fazendo referência aos possíveis pais do menino, que mesmo ao nascer não tem notícia de seu pai biológico, pois neste não há coragem em assumi-lo. A anã, ainda em vida, procurou fazer com que o pai de Camilo o assumisse, foi a polícia assim que soube de sua gravidez, “não sabia se seria de mandar prender ou acusar, mas queria dizer a uma autoridade que estava grávida e precisava que o pai assumisse as suas responsabilidades” (Idem). Mesmo ao lidar com uma autoridade, é infantilizada, o policial trata tudo com muito descaso,

pensando ora que a anã estava enganada, ora que para ela só seria possível uma gravidez por meio de uma violação. Ao que a anã continua e insiste:

Escrevi neste bilhete o nome de quinze homens, um deles há de ser o pai. O polícia pegou o bilhete, olhou-o sem ler e disse: olhe que não engravida de andar na rua. Achava que a anã, talvez por tolice, pensava que se podia engravidar por cumprimentar um homem. Eram quinze nomes ali anotados, todos da aldeia, todos muito vizinhos, como se fossem um novelo de pessoas que se perteciam. (...) A anã esticou-se a crescer um centímetro e respondeu: o tamanho do juízo tenho-o eu todo, e sei bem o que lhe estou a dizer, um desses quinze homens há de ser o pai da minha criança, é preciso obrigá-los a fazer um teste ou coisa assim. (MÃE, 2016, p. 42).

O Camilo real é indissociável do Camilo simbólico, aquele marcado pelos restos da anã, que compõem seu psiquismo. Estes restos são compostos pelas mensagens inconscientes que as pessoas da vila onde a anã morava jogavam sobre ela, a infantilização, a pena, a suposição de uma não sexualidade, o julgamento, a vergonha e o horror ao vê-la grávida, o que seria a marca de uma sexualidade que todos se recusaram a enxergar. A vizinhança ao saber da gravidez

começou a desejar que a anã morresse junto com o filho e tudo, e o mais depressa possível. A vizinhança começou a querer muito que se lhe abrissem as costinhas abaixo e que o filho lhe caísse das costinhas abaixo e ficasse podre no meio do chão para as formigas lhe passarem por cima. As pessoas imaginavam e desejavam as coisas mais feias, tornando-os pessoas feias pelo medo e pela avidez de continuarem a ser como sempre haviam sido. (MÃE, 2016, p. 43).

A anã e seu filho seriam a representação do “incômodo” (Freud, 2021 [1919], p. 48), a mãe trazia ao povoado algo do insuportável ao aparecer grávida; no imaginário da vila isto não deveria acontecer, o que diz muito sobre a sensação de desconforto que o retorno do recalçado pode trazer. Ao mesmo tempo em que aparece esta negação da pessoa da anã, a mesma despertava o interesse de muitos homens, que iam a sua casa às escondidas. O nascimento de Camilo pode ser entendido como um processo de resistência, pois nasceu em uma vila onde ninguém o queria, ou o assumia, queriam-no morto. Ao nascer foi entendido inicialmente como morto, pois mesmo o médico não acreditava que o filho daquela anã resistiria, mas demorado um tempo o menino chorou, o menino mesmo em vida, mesmo real e de carne e osso era um fantasma, pois era filho de uma mulher que não deveria ser mãe, segundo o povoado do vilarejo, que não reconhecia a sua existência e por ser filho de mil homens, que não o assumiam.

Aqui faz-se importante “fazer trabalhar” (CARDOSO, 2017, p. 87) a teoria laplancheana, para melhor compreender os impactos destas marcas traumáticas na construção do psiquismo do personagem Camilo e que são pontos importantes para a ligação entre o menino e seu segundo pai adotivo. Antes de nos demorarmos na segunda questão, permaneceremos no enclave traumático do personagem adotado e em como sua ligação com sua mãe morta também pôde influenciar na concepção de seu psiquismo.

De maneira geral, para alguns órfãos, a ausência dos pais biológicos é traduzida como uma morte, mesmo que isso não implique necessariamente o desaparecimento físico deles. Essa ausência dos pais traduzida em termos de morte aponta para a ausência cruel dos adultos responsáveis pela criança (...). Então, a categoria conceitual ‘mãe morta’ deve ser usada quando fracassa a qualidade da relação cuidador versus crianças. (RIBEIRO, 2020, p. 217, grifos do autor).

Neste trabalho, quando nos referimos a “mãe morta” de Camilo, falamos de sua mãe real e simbólica, pois ainda de acordo com Ribeiro (2020), deste modo pode-se atrair a atenção para os caracteres de tais conceitos dentro da clínica da adoção, podendo elucidar o que fica obscuro pelo não traduzido das mensagens que a criança recebe sobre sua orfandade ou origem. Em Camilo pode-se perceber as marcas que a separação precoce deixou, juntamente com as marcas deixadas pelos pequenos sócios, que seriam a vizinhança com a qual a mãe do personagem se deparou em sua vida e em seu momento de gravidez.

Esses restos da mãe, que compõem o psiquismo do menino, também são componentes importantes do enigma que virá ser essencial para a composição tanto da gestação psíquica do seu segundo pai adotivo, quanto para a autorização parental deste. Em Crisóstomo, principal personagem da obra *O Filho de Mil Homens de Mãe* (2016), é possível perceber a sensação de que os amores falharam e a presença de um intenso desejo em tornar-se pai, ao início do primeiro capítulo tem-se o seguinte trecho: “Um homem chegou aos quarenta anos e assumiu a tristeza de não ter um filho” (MÃE, 2016, p. 19), o que já demonstra que no desenrolar da obra teremos mais pistas do seu desejo e da tristeza que o mesmo carregava por não ter ainda realizado este sonho. O narrador continua:

[Crisóstomo] Decidiu que sairia à rua dizendo às pessoas que era um pai à procura de um filho. Queria saber se alguém conhecia uma criança sozinha. (...) Ele sentia que se procurasse uma criança que lhe pertencesse, e como

se a tivesse perdido algures num passeio por distração e faltasse apenas reencontrá-la (MÃE, 2016, p. 21).

No trecho anterior é possível notar a profunda, ou até mesmo excessiva, vontade de encontrar uma criança a quem pudesse ter como filha. Crisóstomo procura e diz a todos sobre seu desejo, ao mesmo tempo em que carregava uma melancolia, referente ao seu cair para dentro de si mesmo. A procura do personagem Crisóstomo por um filho parece dizer mais a respeito dele mesmo. Podemos dizer que estava à procura da sua própria criança, a criança que foi e para quem os amores falharam, sendo estes últimos componentes marcantes de seu próprio ponto de exclusão e enigma, contendo também algo de seu narcisismo. A gestação psíquica de Crisóstomo também é composta por suas fantasias que estão envoltas pelas suas marcas traumáticas. Aspirando dar ao filho um amor que ele mesmo não sentiu, com a intenção, mesmo inconsciente, de viver o amor que não teve através do seu filho, une o desejo de ter um filho aos amores que falharam. A respeito do seu desejo ainda é dito:

Era como se essa criança o pudesse quase prever, ansioso na busca, ansioso no amor. Sentia-se mal com a demora, porque o seu filho poderia estar com fome, poderia estar com medo ou cansado, a precisar de ajuda para o frio ou para o escuro da noite. O Crisóstomo pensava que o seu filho também só poderia ser inteiro quando estivessem juntos os dois. (MÃE, 2016, p. 21-22).

Neste trecho é possível notar que Crisóstomo carregava fantasias a respeito da paternidade e também de seu futuro filho, o seu intenso anseio por um filho carrega um certo desvario. Aqui podemos fazer referência aos torsos esféricos de Platão³, que após serem separados passam a vida procurando aquele que os complete. Apesar disso, em certa medida, o seu intenso desejo é muito importante para a composição da gestação psíquica do mesmo, abrindo espaço para constituir a parentalidade que viria a exercer há algum tempo depois. Interessante observar que este personagem parecia procurar uma criança já nascida, o que demonstra que mesmo inconscientemente já procurava por uma adoção, que acontece já no primeiro capítulo, ao encontrar o personagem Camilo, em quem já à primeira vista parece a ele

³ Referência ao mito platônico dos torsos esféricos que pretendiam invadir o céu, mas que foram punidos por Zeus sendo cortados ao meio e obrigados a viverem como seres humanos, sofrendo com sua incompletude e buscando para sempre sua outra metade (MENEZES, 2018).

ser o filho que tanto procurava. A gestação psíquica de Crisóstomo foi um pontapé inicial para que o processo de filiação de ambos pudesse se desenvolver.

Pode-se pensar que é conveniente um pai a procura de um filho encontrar um filho a procura de um pai, porém somente o encontro não se faz suficiente, a união que ocorre entre ambos é mais profunda do que se mostra, é preciso haver uma identificação, a história de Camilo encaixa-se bem na loucura de Crisóstomo por uma parentalidade. Os dois ajudam-se em seus encontros, para além do enigma (sexual e inconsciente), há o encontro no ponto de exclusão, ao que Campo e Matos (2018) acrescentam:

Eles se comunicam justamente a partir desse ponto de que não estão na norma, de que são um referencial da diferença dejetificada à medida que a alteridade de cada um evoca no outro (em um grupo de outros, mais precisamente falando) a necessidade de simbolização, a qual quando realizada pelo viés binário enrijecido e norteado pela normatividade, cria uma certa zona de pessoas abjetas. É a partir desses pontos em que cada um é um abjeto que os vínculos de amor vão se constituindo entre eles. (Ibidem, p. 271).

Esses pontos de exclusão, tanto quanto os marcadores traumáticos iniciais citados anteriormente e o próprio enigma (sexual e inconsciente), vão compor a gestação psíquica de Crisóstomo. Fica evidente, ao final deste capítulo, que a gestação psíquica e a parentalidade sempre estarão fundadas no inconsciente, assim como estão centradas no primado do outro. O filho de mil homens vem a ser o próprio recalcado.

05 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos neste trabalho que a adoção se faz bem presente na atualidade, tratando-se de um tema atemporal, que atravessa diversas questões e aparece com frequência no meio artístico, sobretudo literário. Neste sentido podemos afirmar que, o autor, ao construir uma obra fictícia a preencherá com conteúdos inconscientes, fazendo possível equiparar a escrita criativa ao brincar infantil ou até mesmo ao onírico, onde desejos, fantasias e devaneios estão bem presentes. Por meio da literatura ficcional, tendo a obra *O Filho de Mil Homens* de Valter Hugo Mãe (2016) articulada a psicanálise, pudemos abordar os temas centrais do trabalho, que relacionam-se diretamente a parentalidade e vinculação libidinal na adoção, sendo eles a autorização parental e a gestação psíquica, temas presentes na ficção, mas que também atravessam a realidade e que se fizeram importantes para a compreensão do processo dinâmico que os pais passam ao se tornarem pais dentro da clínica da adoção.

Ao abordar os temas centrais, mesmo em consonância com a ficção, notamos que o tempo, a disponibilidade e a alteridade interna mostram-se como noções muito importantes para que um pai autorize-se a exercer a parentalidade sobre um filho adotivo, assim podemos afirmar que a autorização parental apresenta-se por meio da alteridade interna, do encontro de vulnerabilidades e da (re)abertura da situação originária, que não está limitada apenas aos começos.

A gestação psíquica caminha juntamente com a autorização parental, sendo o desejo significativo para a composição das fantasias que compõem esta gestação e que são primordiais para a constituição da nova identidade de pai e mãe. Na obra de Mãe podemos perceber a presença destas temáticas, a gestação psíquica de Crisóstomo preparou o terreno para que ele pudesse acolher o seu filho adotivo e autorizar-se a exercer a parentalidade que tanto desejava, mostrando que ambos os temas necessitam de um processo longo e complexo para se constituírem, seguindo em constituição continuamente. O desejo em ter um filho também está diretamente relacionado ao narcisismo primevo, podendo comparar à escrita criativa do autor ao desenvolver um personagem ou um alter ego, podendo ser consideradas maneiras de escapar da morte, persistir ainda.

Fez-se necessário o acolhimento de vulnerabilidades mútuas, entre pai e filho, mostrando que a autorização parental é da díade, só se faz possível quando ambas

as partes estão abertas para firmarem uma ligação. Mesmo a relação dos personagens Crisóstomo e Camilo sendo atravessada por diferenças, houve o engendramento da alteridade, fazendo possível que a vinculação entre ambos se estabelecesse. Outros pontos interessantes que também aparecem no decorrer do trabalho está na fundação do inconsciente, situação que podemos ver na adoção do Velho Alfredo para com Camilo, onde o primeiro seduz o segundo para seu mundo interno, introduzindo nele mensagens sexuais inconscientes, que muitas vezes não são traduzidas, fazendo com que seus restos componham o inconsciente do menino.

Camilo ainda carregava em seu psiquismo os enclaves traumáticos relacionados a sua separação precoce da mãe biológica, bem como os preconceitos que sua mãe viveu ao conviver com as pessoas da vila onde morava. O menino carregava em si também os restos da mãe morta, assim como passou a carregar os restos de Carminda e de Velho Alfredo no decorrer de sua vida. Na segunda adoção de Camilo, ele pôde lidar com sua história pregressa, tendo a história libidinal originária acolhida e respeitada por seu pai, Crisóstomo, conhecendo novas formas de amor e cuidado.

Esta pesquisa ainda despertou o interesse em entender mais a fundo sobre as questões da adoção no Brasil, para além da literatura, como por exemplo sobre a clínica da adoção e sobre os temas que estão diretamente ligados a ela, como adoção interracial, adoção tardia, devolução de crianças, entrega de crianças a adoção sendo um ato de ódio ou amor, entre diversas outras questões. Contudo a articulação entre psicanálise e literatura se mantém como uma possibilidade frutífera de pesquisa, onde essas questões também podem ser abordadas.

Ao construir o trabalho também enfrentamos certas dificuldades, entre elas o amplo espectro do tema da adoção, o qual nos exigiu afunilar a clínica da adoção, escolhendo uma parte para que pudéssemos nos aprofundar na temática. Por outro lado, a articulação entre psicanálise e literatura não foi de fácil compreensão, tendo que ser retomado o capítulo por diversas vezes, para acréscimos, mudanças ou diferentes interpretações que foram surgindo.

Ainda no primeiro capítulo nos aproximamos da vida pessoal de Valter Hugo Mãe, nos fazendo concluir que sua obra literária de algum modo pode estar relacionada ao seu inconsciente, onde pontos de sua vida pessoal aparecem também no livro. Valter não pôde ter filhos, mas em sua obra ficcional ele pôde tê-lo, como demonstrado no romance *O Filho de Mil Homens*. Percebemos também que a

construção dos personagens no romance aqui trabalhado de algum modo representam figuras importantes da vida do autor, como sua mãe, seu pai e seus irmãos, dentre outros. Pontos da sua vida pessoal, como sua dificuldade em ter filhos, seus amores falhos, possuem semelhança com o roteiro em análise. Importante citar ainda o nome artístico que passou a carregar, Mãe, colando-o ao enigma da mãe, pois sempre andou junto a ela, buscando traduzir as mensagens endereçadas por ela, tal como: “Tu tens de aprender a guardar as coisas de pensar. Se souberes escrever, as folhas de papel serão caixinhas onde podes arrumar com palavras tudo aquilo que não queres esquecer.” (MÃE, 2016, p. 49). O autor tratou a adoção de modo engenhoso em sua obra, despertou em mim, autora deste trabalho de conclusão de curso, o interesse em tê-la como objeto de estudo e pesquisa dentro da clínica da adoção, podendo interpretá-la à luz da psicanálise laplancheana.

Conclui-se que o processo de adoção vai muito além do encontro com o outro, passa pelos lutos desenvolvimentais, pelo enigma do sexual, pelas ressignificações. O querer ter um filho precisa estar associado ao desejo em exercer a parentalidade, tratando-se de um longo processo, onde é importante que haja o dimensionar/tradução da alteridade (GOMES, MARQUES E ISHARA, 2018), respeito às individualidades e acolhimentos mútuos que são importantes para a composição da relação pais e filhos. Importante finalizar lembrando que a adoção faz-se importante em qualquer filiação, seja biológica ou adotiva.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Jacques. Jean Laplanche. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 15, n. 4, p. 761-765, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400001>>. Acesso em: 17/06/2021.

BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Martins Fontes, 2011.

BARTHES. Aula do dia 27 de abril de 1977. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France (1976-1977)**. Tradução de Leyla Peronne-Moisés. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 237-253. (Obra original publicada em 2002).

BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 2000.

BONAPARTE, M. **De l'élaboration et de la fonction de l'oeuvre littéraire**. RFP, 1932, vol. 4, n. 4, p. 649-683.

BRASIL. **Lei nº 12.010**, de 3 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm>. Acesso em: 05/05/2021.

CAMPO, Hellen Carla de; MATOS, Vanessa Biscardi, (2018). Leitura Laplancheana das Engrenagens da Adoção a Partir de o Filho de Mil Homens, de Valter Hugo Mãe. **Em Anais do VII Congresso Nacional de Psicanálise, Direito & Literatura. Leituras a partir de “Nunca deixe de acreditar”, Um relato autobiográfico de uma adoção tardia internacional - as múltiplas faces da adoção.** / Coordenação geral por Fábio Belo. Belo Horizonte: Ami Comunicação & Design, 2018. Disponível em: <<https://conpdl.com.br/anaisconpdl7.pdf>>. Acesso em: 05/05/2021.

CARDOSO, Marta Rezende. Repensando o Trauma e o Intraduzível com Jean Laplanche. In: Ribeiro, P. de C., Carvalho, M. T. de M., Cardoso, M. R., Tarelho, L. C. (Orgs.). **Porque Laplanche**. São Paulo: Zagodoni, 2017, p. 15-49.

COITINHO, Ricardo Andrade. Sob o “melhor interesse”! O ‘homoafetivo’ e a criança nos processos de adoção. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 495-518, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p495>>. Acesso em: 21/02/2021.

CRAMER, Bertrand; PALACIO, Espasa. **Técnicas psicoterápicas mãe/bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DICIONÁRIO Etimológico. **Etimologia e Origem das Palavras**. 2021. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 12/08/2021.

FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise). **Jean Laplanche**. Disponível em: <<https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/jean-laplanche/>>. Acesso em: 17/06/2021.

FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. **Psicologia USP**, v. 5, n. 1-2, p. 297-308, 1994. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10/09/2021.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 9, p. 145-158, 1908.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos-1914-1916**, vol. 12, trad. Paulo C. de Souza, São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber**. LeBooks Editora, 2020.

FREUD, Sigmund. **O incômodo: Das Unheimliche (1919)**. Editora Blucher, 2021.

FREUD, Sigmund; DE SOUZA, Paulo César. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. Companhia das Letras., 2010.

FREUD, Sigmund; VARELA, Joana. **Delírio e sonhos na Gradiva de Jensen**. 1997.

FREUD, Sigmund; **O incômodo (Das Unheimliche [1919])**. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021.

GOMES, Isabel Cristina; MARQUES, Rita Tropa Alves dos Santos; ISHARA, Yara. Encontros e desencontros na adoção: o paradoxo da ilusão. In: **Adoção: desafios da contemporaneidade**, p. 221-234, 2018.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima de Amorim. Parentalidade contemporânea: encontros e desencontros. **Primórdios**, v. 3, n. 3, p. 33-44, 2014. Disponível em: <[http://cprj.com.br/primordios/03/03 Parentalidade contemporanea encontros e de sencontros.pdf](http://cprj.com.br/primordios/03/03_Parentalidade_contemporanea_encontros_e_de_sencontros.pdf)> Acesso em: 27/05/2021

LADVOCAT, Cynthia. As falhas da adoção no casal parental. In: **Adoção: desafios da contemporaneidade**, p. 99-115, 2018.

LAPLANCHE, Jean. Interpretar [com] Freud. In: J. Laplanche. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. (pp. 21-32). Porto Alegre: Artes Médicas., 1988, p.21-32.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise**. Tradução de C. Berliner e E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEVINZON, Gina Khafif. Adoção e falso self: o dilema do “bom” adotado. In: **Adoção: desafios da contemporaneidade**, p. 49-70, 2018.

LEVINZON, Gina Khafif. **Tornando-se Pais: A Adoção em Todos os Seus Passos**. 2a, ed. São Paulo: Blucher, 2020.

LEVINZON, Gina Khafif; DE LISONDO, Alicia Dorado. **Adoção: desafios da contemporaneidade**. Editora Blucher, 2018.

Lion - Uma Jornada para Casa. Direção de Garth Daves. Produção de Emile Sherman, Angie Fielder, Iain Canning. Estados Unidos: COLUMBIA, 2016. 1 DVD.

MÃE, Valter Hugo. **Contra mim**. Globo Livros, 2020.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. 2ª ed. Globo Livros, 2016.

MORELLI, Ana Bárbara; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTEIRO, Tales Vilela. O "lugar" do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. **Psicologia Clínica**, v. 27, p. 175-194, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100010>>. Acesso em: 27/05/2021.

MENEZES, Luiz Maurício Bentim da Rocha. O MITO DO ANDRÓGINO NO BANQUETE DE PLATÃO. *Hélade*. v. 4 n. 3, p. 170-181, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/helade/article/view/28045/16372>>. Acesso em: 02/11/2021.

O Gambito da Rainha. Direção de Scott Frank. Produção de Marcus Loges, Mick Aniceto. Estados Unidos: Flitcraft Ltd, Wonderful Films, 2020. 1 Netflix.

RIBEIRO, Sarug Dagir. Algumas questões sobre a adoção na vida e obra de Marie Bonaparte. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 2, p. 210-219, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn>>. Acesso em: 22/04/2021.

RIBEIRO, Sarug Dagir; BELO, Brasil Fábio Roberto Rodrigues. EDGAR ALLAN POE: UM POETA AUTOSSIMBÓLICO. **A Cor das Letras**, v. 20, n. 3, p. 203-215, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.13102/cl.v20i3.4644>>. Acesso em: 20/08/2021.

SANTOS, Michelle Aguiar Dias. A reabertura da situação originária no processo de adoção e a possibilidade de engendramento do novo. Em **Anais do VII Congresso Nacional de Psicanálise, Direito & Literatura. Leituras a partir de "Nunca deixe de acreditar" Um relato autobiográfico de uma adoção tardia internacional - as múltiplas faces da adoção** / Coordenação geral por Fábio Belo. Belo Horizonte: Ami Comunicação & Design, 2018. Disponível em: <<https://conpdl.com.br/anaisconpdl7.pdf>>. Acesso em: 05/05/2021.

SCHETTINI, Suzana Sofia Moeller; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 285-293, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200007>>. Acesso em: 25/05/2021.

SIMOES, Regina Beatriz Silva. Psicanálise e literatura - O texto como sintoma. **Analytica** [online]. 2017, vol.6, n.11, pp. 159-179. ISSN 2316-5197. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n11/09.pdf>>. Acesso em: 20/08/2021.

TARELHO, Luiz Carlos. A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. **Jornal de Psicanálise**, v. 45, n. 83, p. 97-107,

2012. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14/06/2021.

TARELHO, Luiz Carlos. O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na teoria laplancheana. In: Ribeiro, P. de C., Carvalho, M. T. de M., Cardoso, M. R., Tarelho, L. C. (Orgs.). **Por que Laplanche**. São Paulo: Zagodoni, 2017, p. 15-49.

VIEIRA, Leticia Lima; LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de. Sublimação e a escrita criativa: aproximações com Virginia Woolf. **Jornal de Psicanálise**, v. 52, n. 97, p. 67-82, 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v52n97/v52n97a06.pdf>>. Acesso em: 20/08/2021.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>>. Acesso em: 25/05/2021.